

# Setembro amarelo: o diálogo que salva milhares de vidas

De alguns anos para cá, o suicídio passou a ser considerado um problema de saúde pública. Com relevante número de casos no país e no mundo, a Associação Brasileira de Psiquiatria, em parceria com o Conselho Federal de Medicina, criou, em 2014, o Setembro Amarelo

A campanha tem como objetivo prevenir o suicídio, ao adotar medidas que promovam o diálogo sobre o tema e consequente redução no número de casos.

Segundo o Centro de Valorização da Vida (CVV), a cada 45 minutos um brasileiro tira a própria vida, uma taxa de mortalidade que supera muitos tipos de câncer. Do total, 96,8% dos casos de morte por suicídio estão relacionados a transtornos mentais, como depressão e o transtorno bipolar, um cenário que nos alerta sobre a importância de constantes diálogos com pessoas que, por quaisquer motivos, desenvolveram tais transtornos.

Abordar e divulgar os fatores de risco possibilita que os profissionais de saúde e toda a população de modo geral estejam mais atentos e informados com relação a esse problema. A conscientização aumenta as chances de que as pessoas mais vulneráveis sejam direcionadas ou busquem um tratamento de saúde mental mais apropriado.



Diferente do que pode parecer, falar sobre suicídio de maneira cuidadosa e adequada não gera aumento no número de casos, pelo contrário, trazer o assunto para diálogos saudáveis contribui – e muito – para a promoção da saúde mental.

“Trabalhadores de setores

como a saúde, familiares e pessoas próximas devem levar em consideração a fala de uma pessoa que diz pensar em suicídio e encaminhá-lo para um profissional de saúde mental. O tratamento envolve não somente ele próprio, mas se estende também àqueles que

fazem parte do seu dia-a-dia, pois devem obter informações e orientações de como proceder em situações anormais”, aconselha Clara Kislavov, psicóloga da Cia. da Consulta.

O Setembro Amarelo nada mais é do que um lembrete sobre a importância de dialogar. “O diálogo é uma maneira clara de mostrar que a pessoa não está sozinha e oferecer apoio e estar à disposição de quem precisa faz toda a diferença e pode salvar uma vida”, alerta a psicóloga.

Vale destacar que o Centro de Valorização da Vida (CVV) presta serviço voluntário e gratuito de apoio emocional, para todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo. O centro realiza mais de 2 milhões de atendimentos anuais, graças ao apoio de 2.400 voluntários em 90 postos de atendimento pelo telefone 188 (sem custo de ligação), ou pelo site ([www.cvv.org.br](http://www.cvv.org.br)), e-mail ou carta. Converse, você pode salvar uma vida!

Fonte e mais informações: ([www.ciadaconsulta.com.br](http://www.ciadaconsulta.com.br)).

## O papel social das empresas na violência contra a mulher

Heloisa Macari (\*)

*No mês em que a Lei Maria da Penha completa 12 anos, o homicídio de mulheres torna-se pauta cada vez mais presente nas discussões sobre a preservação da vida*

Ainda que as organizações não sejam diretamente responsáveis pela redução das estatísticas, todas podem ter papel importante na conscientização geral e no resguardo de possíveis vítimas. Ainda que os casos de violência contra a mulher tenham ganhado ótica jurisprudente, as estatísticas e acontecimentos recentes demonstram que, mesmo com o amparo da lei criada para proteger as mulheres vítimas de violência, elas seguem sendo as grandes vítimas nas narrativas de violência e homicídio.

No Brasil, são registrados mais de 600 casos de violência doméstica por dia. Toda semana, pelo menos 20 brasileiras são mortas, vítimas de feminicídio. São inúmeros os casos divulgados pelas grandes mídias e tantos outros que não ganharam notoriedade. O ano de 2018 foi marcado pelo assassinato de Marielle Franco e, mais recentemente, pelo caso de Tatiane Spitzner, encontrada morta após cair da sacada de seu apartamento, no Paraná.

Segundo o Atlas da Violência, divulgado no segundo semestre de 2018, somente em 2016, 4.645 mulheres foram assassinadas no País – o que representa uma taxa de 4,5 homicídios para cada 100 mil brasileiras. Ainda de acordo com o Atlas da Violência, em dez anos observou-se um aumento de 6,4% nos casos de homicídio de mulheres.

Embora a questão pareça distante do mundo corporativo, os dados sobre a violência doméstica também têm impacto altamente negativo na economia. Segundo pesquisas da Universidade Federal do Ceará e do Instituto Maria da Penha, as vítimas perdem, em média, 18 dias de trabalho ao ano apenas por consequência direta das agressões sofridas. As consequências na carreira destas mulheres envolvem menor estabilidade, menos tempo de permanência em seus cargos e, também, menor produtividade.

A atuação pública manifestada frente aos acontecimentos dá sinais de que a violência contra a mulher está deixando de ser naturalizada. Assim, se a legislação e as políticas públicas ainda não mostrarem verdadeiramente eficazes no combate às violências de gênero, encontrar alternativas para educar, difundir direitos e conscientizar sobre a necessidade do aprimoramento dos mecanismos de enfrentamento é medida crucial para contribuir com a preservação de vidas.

Uma organização é composta por pessoas. Assim, gêneros, classes sociais, crenças e vivências completamente distintas se misturam, dando origem à realidade de cada colaborador. Ainda que não haja responsabilidade direta, uma empresa pode tornar-se grande agente na transformação pessoal de cada um através da disseminação de orientações e do oferecimento de suporte, contribuindo positivamente não somente no ambiente de trabalho como, também, nas questões vividas externamente, fora do espaço da organização.

São poucas as empresas que olham para o que acontece além das suas instalações, principalmente quando o assunto refere-se à violência contra as mulheres. Porém, na contramão desta realidade, grandes empresas referências em inclusão e diversidade já mostram-se atentas ao tema e, assim, vêm criando estruturas internas de proteção à mulher. As medidas desvendam cada vez mais qual o papel da iniciativa privada na mitigação dos casos.

A principal preocupação das companhias engajadas no combate à violência de gênero é a de que suas colaboradoras sejam vítimas do feminicídio, tendo suas vidas interrompidas por omissão de toda uma sociedade. Sabe-se que algumas empresas passam a contar com a terceirização especializada de canais de denúncias para criar linhas de comunicação internas voltadas para esses casos. Com o objetivo de estimular as mulheres na manifestação de ocorrências pessoais, os canais garantem segurança e integridade física e mental, apoiando, capacitando e fortalecendo as colaboradoras.

Como medida complementar a ser adotada pelas organizações, pode-se, também, considerar a implementação de treinamentos direcionados a todo o público relacionado à empresa. As colaboradoras, entendimento das leis que explicitam seus direitos e treinamentos de comportamento preventivo são alternativas para disseminar um conhecimento que pode servir como base no resguardo de suas integridades.

Aos colaboradores, esclarecimento sobre os dados estatísticos relacionados à violência contra a mulher e ao feminicídio, além do estímulo para ações diárias que podem fazer a diferença na redução dos casos contra as mulheres. E a sua empresa, tem o olhar para as colaboradoras de modo a oferecer suporte que auxilia na mitigação dos casos de violência contra a mulher? Como sua organização tem feito o melhor papel social que pode fazer?

(\*) - É sócia-diretora da área de compliance na consultoria global Protiviti e professora de ética e compliance na Fundação Instituto de Administração ([www.protiviti.com](http://www.protiviti.com)).

## Praticar o consumo consciente é responsabilidade de todos

Nelson Volyk (\*)

É sabido que os recursos naturais no Brasil são abundantes, especialmente a água doce.

Mas tal abundância de água, com o passar das décadas, está sendo revista, pois a oferta não é perene o ano todo e varia de região para região. A luz solar, outro bom recurso disponível por aqui para a geração de energia, tem intensidade diferente em cada região. Por isso, para aproveitá-la bem, grandes parques solares devem ser construídos em locais com muita incidência de raios de sol, para que seja aproveitada durante as quatro estações do ano. Um investimento e tanto.

Já os alimentos, igualmente fartos, não devem ser desperdiçados, afinal fazem parte de uma cadeia complexa, dependendo do tipo e do lugar. Em comum, todos eles, precisam ser cuidados e preservados. O ideal é que em tudo que fazemos o consumo seja consciente, sem desperdício, sem exagero, sempre pensando no bem da sociedade como um todo.

Voltando à água, o Brasil é abastecido por muitos rios, o que proporciona boa quantidade de centrais hidrelétricas, principalmente as pequenas centrais hidrelétricas (PCH). A diferença entre as duas é que, em vez de grandes reservatórios de água represada, as pequenas utilizam o fluxo de um rio para gerar a energia, sem a necessidade de represamento. Nas maiores, na época de cheia, parte da água



Divulgação

conta da existência do SIN, a energia consumida na cidade de São Paulo pode ter sido gerada no próprio estado ou em qualquer outro.

Como estamos nos aproximando de uma época crítica no Sudeste brasileiro, onde a geração de energia elétrica começa a diminuir devido à estiagem e, além de a água ser utilizada para a geração de energia, é imprescindível para o consumo humano, precisamos nos preocupar. E, mesmo tendo outras fontes de geração de energia, como

usinas térmica, eólica, nuclear e solar, produzir energia elétrica por meio delas é mais caro. Sem contar os impactos ambientais nas usinas térmicas e nucleares que também preocupam.

Então, atenção: quanto menos energia for gerada no Sudeste, que é uma região populosa do país, maior será o fornecimento de outras regiões, causando um desequilíbrio de consumo no SIN, podendo, inclusive, devido a alguma pequena falha no sistema, evoluir para um apagão. Logo, precisamos usar com muita, mas muita responsabilidade. É mandatório nos preocuparmos com o consumo consciente da água, afinal é um recurso que nos proporciona a vida e gera energia limpa.

A falta da energia elétrica é impactante em nosso dia a dia. Temos que colaborar com o país.

(\*) - É engenheiro eletricista e gerente de Engenharia de Produto da SIL Fios e Cabos Elétricos.

## Serasa oferece cinco dicas para otimizar a gestão de dados empresariais

De acordo com a pesquisa global 'Gestão e Qualidade de Dados' realizada pela Experian, 76% das empresas entrevistadas acreditam que os dados são parte integral na construção das estratégias de negócio. Além disso, 91% das empresas brasileiras consideram dados na definição da estratégia de negócios, número maior que o apresentado em 2017 (86%).

Pensando nisso, a Serasa Experian listou cinco dicas que podem auxiliar as empresas a melhorar a gestão de dados. Confira abaixo:

**1. Tenha claro os seus objetivos** - É importante definir quais são os principais objetivos da empresa com a gestão de dados e quais os resultados esperados com as ações que serão aplicadas, além de mapear quais serão as métricas e indicadores para mensurar os resultados e determinar o orçamento disponível em cada etapa. Uma estratégia que ajuda no planejamento e na organização das prioridades é definir ações tanto de curto, médio e longo prazo para que o negócio seja sustentável.

**2. Separe o joio do trigo** - A capacidade de processar dados em tempo real é uma necessidade crescente das organizações. As empresas que forem capazes



de aproveitar o fluxo constante de dados recebidos para a tomada de decisão imediata, passam a oferecer um outro “nível” de serviço, melhorar a experiência dos clientes, reduzir atividades fraudulentas, entre outros. Com o alto volume de dados disponíveis, é preciso entender quais são as informações necessárias para realizar as campanhas planejadas. Neste caso, a qualidade dos dados é muito mais importante que a quantidade de informações.

**3. Crie confiança nos dados** - O primeiro passo para que dados sejam transformados em insights relevantes é verificar se eles estão devidamente atuali-

zados, tratados e qualificados. Uma informação desatualizada de cadastro, por exemplo, pode gerar perdas em vendas devido ao gasto de recursos financeiros desnecessários que dificilmente resultarão em algum retorno. Além disso, dados não confiáveis podem gerar decisões erradas. Por isso, é importante corrigir e atualizar as informações em um ciclo permanente tanto nos canais de entrada quanto na sua base legada antes da realização de campanhas.

**4. Invista em ferramentas de apoio** - Cada vez mais, as organizações estão investindo em ferramentas e soluções que as ajudem na gestão da qualidade

dos dados, mas ainda encontram dificuldades para alcançar um nível ideal de maturidade no gerenciamento de dados. No Brasil, o aumento de dados imprecisos dentro das companhias devido ao erro humano, falta de comunicação interna entre departamentos e a falta de estratégia vem incentivando o aumento no investimento de projetos de migração, enriquecimento e integração de dados.

A tendência agora é que, para sobreviver no cenário de transformação digital e estratégia orientada pelos dados, as organizações tenham que implementar novos processos e soluções tecnológicas que acompanhem as demandas de negócios.

**5. Realize testes contínuos** - É possível que na hora da implementação das ações definidas no planejamento os resultados sejam diferentes do esperado. Para não descartar a estratégia por completo, é importante que a empresa teste, principalmente as ações de marketing. Dessa forma, você poderá avaliar qual a melhor forma, canal, público, tipo de dados que tem mais aderência à estratégia e perfil da sua empresa.

Fonte e mais informações: ([www.serasaexperian.com.br](http://www.serasaexperian.com.br)).

## Voto eletrônico: avanço ou risco?

Vivaldo José Breternitz (\*)

Embora o voto eletrônico possa parecer muito natural nos dias atuais, dado o aumento do uso da tecnologia em quase todos os campos e algumas vantagens evidentes em relação ao sistema tradicional, há aqueles que se opõem à sua utilização, especialmente por considerá-lo vulnerável a fraudes.

Essas pessoas acabam de ter seus argumentos reforçados pelo recém divulgado relatório “Securing the Vote – Protecting American Democracy”, elaborado conjuntamente pelas Academias americanas de Ciências, Engenharia e Medicina.

O documento, que demandou dois anos de estudos, foi elaborado por um comitê que reuniu especialistas em computação, segurança, legislação, ciências sociais e outros, faz recomendações expressas no sentido de que, nas eleições, em todos os níveis, sejam utilizadas cédulas em papel, contadas manualmente, embora se admita o uso, com cautela, de alguns equipamentos auxiliares como scanners para acelerar a contagem.

O relatório recomenda também que a votação pela internet, cuja introdução vinha sendo estudada, não seja adotada, ao menos por enquanto. Todas essas recomendações são feitas por entender o comitê que a tecnologia hoje disponível para voto eletrônico ainda não oferece segurança suficiente contra fraudes na contagem e contra a quebra do sigilo do voto.

O relatório termina propondo que estudos referentes ao assunto continuem sendo desenvolvidos, mas dando ênfase aos aspectos ligados à segurança.

(\*) - É doutor em Ciências pela USP e professor da Faculdade de Computação e Informática da Universidade Presbiteriana Mackenzie.